

humanidades

Nº1, Janeiro de 1982



ESTUDOS DE:

ARMANDO COELHO F. DA SILVA
ARMANDO LUÍS DE CARVALHO HOMEM
EUGÉNIO DOS SANTOS
HUMBERTO BAQUERO MORENO
JOSÉ AUGUSTO MAIA MARQUES
JOSÉ AUGUSTO SEABRA
LUÍS A. DE OLIVEIRA RAMOS
LUÍS MIGUEL DUARTE
MARIA CARMELITA HOMEM DE SOUSA
MARIA LUÍSA DELERUE
RUI M. S. CENTENO
SUSANA DE OLIVEIRA JORGE
VERA LÚCIA VOUGA
VÍTOR DE OLIVEIRA JORGE



F101/5

EDIÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DE
ESTUDANTES DA FACULDADE DE LETRAS DA U. P.

QUE FACULDADE DE LETRAS? (ALGUMAS QUESTÕES E UMA MENSAGEM)

por José Augusto Seabra

Poderá uma Faculdade de Letras viver divorciada da comunidade cultural em que se insere? Isto é: poderá uma Faculdade que hoje deveria alargar-se às Ciências Humanas isolar-se na reprodução de um saber restrito, quantas vezes aliás ultrapassadíssimo, sem manter uma capilaridade com as formas de conhecimento e de criação mais vivas do nosso tempo, em que se cruzam as grandes tradições civilizacionais com as novas tendências da modernidade? Numa palavra: poderá uma Faculdade que pela sua própria natureza repercute de imediato as inquietações presentes fechar-se de modo autista sobre si, enquistada numa mentalidade corporativista, sem repensar o seu enraizamento no tecido antropológico e social que a cerca, assumindo ao mesmo tempo uma dimensão regional e uma projecção irradiante e universalista, como é timbre de toda a Universidade digna desse nome?

Estas questões devem ser postas, urgentemente, tanto pelos docentes como pelos estudantes da nossa Faculdade, se queremos dar-lhe enfim, passada uma fase de transição e mesmo de improvisação subsequente às convulsões políticas nacionais, aquele papel que — temos de reconhecê-lo — não voltou a cumprir cabalmente, desde que foi reaberta, após o longo período de encerramento do regime salazarista, apesar da boa vontade de alguns poucos que se lhe dedicaram de corpo e alma.

Se atentarmos no que foi a génese da primitiva Faculdade de Letras do Porto, no fim da segunda década deste século, veremos que ela só se tornou possível graças à gestação concomitante, por essa época, nesta nossa cidade, de um movimento cultural como a da *Renascença Portuguesa*, de onde emergiu a figura catalizadora de Leonardo Coimbra, que numa sua passagem pelo governo da República, na pasta da Instrução, soube colher os frutos de uma acção que tinha começado com as Universidades Populares e se prolongara num magistério intelectual e cívico. O ambiente criado à volta da revista *A Águia*, com as suas edições, exposições, conferências, debates, foi o viveiro onde se formaram, quer pelo contágio geracional quer pelo esforço autodidáctico, os primeiros docentes dessa Faculdade, que Leonardo teve a coragem de ir buscar lá onde eles se revelaram, através de publicações culturais da mais diversa índole ou do probo labor pedagógico. Estamos em crer que só pela via administrativa o autor do *Criacionismo* não teria levado a bom porto o seu projecto. E não deixa de ser sintomático que o epílogo d'*A Águia* tenha coincidido com o fim da Faculdade de Letras ...

Talvez uma das razões do carácter precário da sua reabertura, décadas mais tarde, tenha residido no facto de esta não ter sido acompanhada de uma renascença cultural, onde mergulhassem as raízes de um renovo intelectual autêntico, imprescindível à existência de uma vida universitária actualizada em termos de docência e de pesquisa. A subalternização da Faculdade — não só por do Porto ser, mas por sê-lo sem como consciência dele se assumir — tornou-se dessa forma quase inevitável. E não bastavam ligeiras camadas de verniz (in)conformista, sob um protecção condescendente, para modernizar um ensino mimético.

Assim se chegou a uma crise política em que acabou por se perder a oportunidade de uma mutação e de um arejamento profundos, sob o signo de uma liberdade responsável, assistindo-se apenas à ocupação pelos mais organizados ou expeditos de um espaço universitário transformado em campo de manobras, por sobre a terra queimada. Algumas tentativas, feitas de coragem e espírito de sacrifício, não chegaram senão para abrir breves clareiras respiráveis. E aqueles que as empreenderam depressa se deram conta de que só pela via gestio-nária não era possível vencer inércias simétricas.

Nessa medida, continuando embora a pensar ser necessário vivificar o tecido intersticial das instituições, lutando pela sua dignificação e bom funcionamento, acharam os mais lúcidos ser prioritário, remontando às origens e ao espírito que as informou, criarem em torno da Faculdade, na cidade e na região, um clima de renascença cultural que acabasse por insuflar nos mais inquietos e exigentes aquele sopro que *só ele* pode dar corpo aos grandes empreendimentos. E não foi portanto por acaso que entre os animadores do movimento da *Nova Renascença* e da sua revista apareceram docentes da Faculdade de Letras — enquanto intelectuais independentes, é claro, e não como representantes de nada nem de ninguém que não eles próprios. Como também não foi por mero acidente que o testemunho lhes foi transmitido, como um *traditio*, por antigos e prestigiosos alunos da primeira Faculdade, que pela sua vida e pela sua obra honraram a casa-mãe: o Professor Agostinho da Silva e os doutores António Salgado Júnior e Sant'anna Dionísio, figuras cuja integridade moral e estatura mental, nas suas diferenças e idiossincrasias próprias, ficarão a constituir para as jovens gerações um exemplo e um estímulo.

Como não transcrever a *Mensagem* que Agostinho da Silva dirigiu à *Nova Renascença*, e que foi emblematicamente publicada no seu primeiro número? Pela sua alusão à nossa Faculdade, ela exprime de modo impressivo o nexos que a sua visão penetrante sempre estabeleceu, numa perspectiva diacrónica e até profética, entre ela e uma *Renascença Portuguesa* recorrentemente assumida como nossa maneira de ser e de estar no mundo: num vaivém do centro para a periferia e da periferia para o centro, até um e outra coincidirem em relação infinita. Meditemo-la:

«Vejo a primeira «Renascença» — e sua Faculdade de Letras — como tendo procurado um centro a Portugal e o encontrado num «indefinível vivido», aquele a que José Marinho, em alargamento total, chamou «in-substancial substante».

Olho a segunda — e sua Faculdade — como desejando definir o que é periferia portuguesa, nesse outro indistinto a fixando em que constrói Portugal, com chineses, malaios e japoneses, com muçulmanos e judeus, com africanos e ameríndios, e até com europeus, aquela concreta tessitura de «vida conversável», sempre renovada e aberta, de que falou, num momento supremo de cultura, o Pero Lopes em costas do Brasil.

Gosto de imaginar uma terceira — e lhe seja Faculdade o Mundo — em que periferia e centro se confundam, em que lembrança e projecto num mesmo tronco floresçam, em que abstracto e concreto uma só estátua, e animada, formem, em que o Deus que adoremos seja o de Tudo e Nada, sempre em nós, de nós, a nós, por nós, voltando, num perpétuo e momentâneo e parado mover-se de imanência e transcendência, como em simultâneas sístole e diástole: só então Portugal, por já não ser, será».

Como não interpretarmos e cumprirmos, nós, os universitários desta nossa geração e desta nossa Faculdade, o sentido profundo desta *Mensagem*, que como a de Fernando Pessoa fica a ecoar no tempo, infinitamente?